

DENTRO DA MINHA CIDADE

Mariana já tinha feito cópias de posts inteiros para o seu trabalho. Mas só chegou à fala com Álvaro Teixeira de Oliveira, o GE de Ovar autor do blogue mais completo sobre a matéria que ela conseguiu encontrar na internet, quando veio à baila a questão dos massacres de Wiriamu. Álvaro dizia que, a certa altura, os membros dos Grupos Especiais tinham começado a ser vistos como criminosos por causa de Wiriamu. Os seguidores do blogue assanharam-se todos e o debate foi renhido. Saíram logo vários ex-GEs a terreiro para recordar que os factos e os documentos vieram a provar ter sido aquele pesadelo acção dos comandos. Alguns ex-comandos ripostaram. Mariana leu tudo com imensa atenção, ciente de estar perante a ressonância persistente de uma corda sensível longínqua. Dizem algumas fontes que, em Wiriamu, um soldado português parou à frente de uma mulher nativa grávida e lhe perguntou qual era o sexo da criança que aí vinha. Ela respondeu que não

sabia. Ele esfaqueou-lhe a barriga, puxou cá para fora o feto já grande que se contorcia, levantou-o à altura dos olhos dela e cuspiu "agora já sabes". Atrocidades da guerra. A sociedade civil não dorme bem em cima disto. É mais fácil culpar uns grupelhos quase desconhecidos e violentos por natureza do que chamar à pedra uma grande e exemplar instituição como os comandos.

Mariana mandou um mail a Álvaro. Apresentou-se como sua leitora fiel, felicitou-o pelo blogue, explicou-lhe que estava a preparar um artigo sobre o Crescimento Pós-Traumático, e pediu-lhe a sua versão sobre os acontecimentos de Wiriamu. Álvaro telefonou-lhe nessa mesma noite. Era um senhor extremamente simpático. Combinaram ir-se correspondendo à medida que as respostas dele suscitassem mais perguntas dela.

Relativamente ao massacre de Wiriamu, escreve o soldado, é verdade que ele foi cometido por uma companhia de comandos, mas, inicialmente, era mais fácil atribuir essa acção aos GEs, que nada tiveram a ver com ela. No entanto, enquanto as coisas não foram esclarecidas, a culpa recaiu sempre sobre os GEs. Não tínhamos ninguém a defender a nossa imagem. Até para lavar as mãos dos outros servimos.

Agora repare, Mariana.

Aquilo a que nós chamamos o massacre de Wiriamu não passa de uma mistificação, porque aqueles aldeamentos serviam de refúgio aos guerrilheiros da Frelimo que, sistematicamente, atacavam as tropas portuguesas. O que aconteceu foi que, naquela altura, esses guerrilheiros atacaram uma companhia de

comandos a quem provocaram baixas — e, passados dias, tiveram a reacção das nossas tropas.

Quero referir que os aldeamentos de Wiriamu não estavam enquadrados pelo Exército Português, pelo que os guerrilheiros da Frelimo facilmente aí encontravam refúgio e abastecimentos.

Refiro, ainda, que os acontecimentos de Wiriamu se deram passado pouco tempo depois de a Frelimo ter atravessado para a margem sul do Zambeze, o que justifica a facilidade de manobra dos freios. O Zambeze era uma barreira psicológica, compreende? Eles queriam passá-lo a todo o custo, e nós não queríamos que eles o passassem nem por nada. Foi o Zeca Caiale que fez isso à noite, com dois botes e meia dúzia de homens. Mais tarde, fiquei amigo dele. Mas, na altura, foi uma desmoralização terrível. As nossas tropas entraram num autêntico terror, com medo que os matassem a todos.

Logo a seguir, telefonou-lhe outra vez aquele senhor do Norte muito simpático a perguntar se tinha recebido o mail, se estava tudo bem, se o seu português de maçarico de Ovar era compreensível para uma senhora professora como ela. Mariana aproveitou logo para continuar a conversa.

Espere lá, Álvaro. Disse-me mesmo que moçambicanos tinham medo da Frelimo?

Mariana, pense bem, nem todos os moçambicanos eram da Frelimo. Existiam mais forças políticas bem organizadas, e muita gente sentia-se genuinamente portuguesa. Na altura da independência, o Samora Machel queria uma mediação de dez anos antes de tomar o poder. Nessa altura, em todo o país,

que é gigantesco, existiam, por junto, sete mil guerrilheiros da Frelimo. Os nossos dirigentes políticos que lá foram é que lhe disseram: olha, mano, se não quiseres ficar com isto não fiques, nós vamo-nos embora à mesma. A Frelimo era tudo menos consensual entre as populações, e a primeira fase do seu combate era o terror. Seguia-se a luta armada, e depois a guerra psicológica. O terror, quando eu formei o meu Grupo, sentia-se em toda a parte. Uma vez estive dois dias fora numa missão. Quando regressámos, demos com todo o aldeamento num alvoroço, que tinha acontecido uma tragédia na serração do Miguel. E nós o que é que aconteceu na serração do Miguel, o que é que aconteceu na serração do Miguel, e eles que não sabiam, que sabiam que tinha acontecido uma tragédia e por isso tinham medo de lá ir. Fui lá eu. Tinham-nos assassinado a todos. Doze pessoas. Estavam uns na cantina, outros cá fora, outros na máquina, pois tinham-nos assassinado e a seguir tinham puxado o fogo àquilo tudo. Os corpos calcinados estavam caídos por toda a parte, de tal forma que ainda pareciam mais do que eram. Cheirava a carne assada. Sim, para responder à sua pergunta. Os moçambicanos tinham medo dos freios. E, infelizmente, a independência veio a dar-lhes razão: a Frelimo, literalmente, massacrou-os. Nem tinha outra forma de se afirmar no poder. E aquela lei 20/40, que todos os portugueses tinham direito a vinte quilos de bagagem e a quarenta horas para deixar Moçambique? Não foi uma forma de eles expulsarem quem não fosse da Frelimo? E olhe, não foi este Gebuza que está agora no poder que fez essa lei? E, mesmo assim, não lhes roubavam os vinte quilos de bagagem

logo ali no aeroporto? Como é que quer que uma pessoa não se revolte?

Agora há o Facebook, recorda-lhe Mariana.

Ai, há-de lá chegar, há-de lá chegar, responde-lhe Álvaro Teixeira, inflamado. A Tunísia, o Egipto, a Líbia, até a Síria, há-de acontecer em toda a África] Olhe, penso muito numa coisa. A propósito dos milhares de desgraçados que foram mandados para aqueles campos de concentração dos freios. Eu nunca fui de andar na má vida, mas, quando estava na cidade, dava-me prazer sair à noite e tomar o meu copo. Ganhava bem, e gostava de gastar bem. Apreciava um bom bar, uma boa boite, uma vida nocturna animada. E, tendo em conta tudo o que lá vi, não consigo deixar de pensar em todas aquelas pobres mulheres. Tão lindas. Tão frágeis. Bonequinhas de porcelana. Foram todas deportadas. Muitas acabaram naquela mesma zona do Niassa onde eu estive antes de ir para o Dondo, ali mesmo em Olivença, eles fizeram um campo lá. Hão-de ter morrido só de não aguentarem aquelas condições. Ou então de doença. E, para todas as que sobreviveram, aquilo há-de ter sido muito, mas mesmo muito duro.

Imagino, responde Mariana, só para ele não se esquecer de que ela ainda está ali.

É por isso que, como já lhe disse, eu, se fosse a si, não dava muito por essas fontes que a Mariana consultou, remata Álvaro Teixeira, concluída que está a sua digressão complexa. Wiriamu não passa de uma mistificação, que serviu tão somente para denunciar a Guerra Colonial em Portugal e no mundo. Os grandes massacres ocorreram por parte da Frelimo

contra as suas próprias populações; e há documentação e testemunhos que o comprovam. Em Wiriamu chegaram os freios a matar 1500 nativos. Sabe quem me deu estes números? O meu amigo Zeca Caiale. O primeiro guerrilheiro a atravessar o Zambeze. O mundo é pequeno, Mariana. O mundo é pequeno.

Compreendo, conclui Mariana, já pronta a passar a novas frentes de ataque. Eu já lhe mando mais perguntas.

Volta a teclar.

Muito obrigado por tudo, Álvaro. Agora, veja lá se pode ajudar-me noutra coisa: há imensa gente que nunca ouviu falar nos GEs. Há homens da sua idade que estiveram na tropa em Moçambique e não sabem, mesmo, o que foram os GEs. Já ouvi várias versões diferentes sobre as razões de ser deste secretismo. Qual é a sua?

Bem, responde daí a pouco o GE bloguista. Vamos lá ver. Se calhar, a minha versão vai desiludi-la; mas eu, de facto, não tenho assim uma visão muito emocionante da guerra. Os GEs eram pequenas forças de intervenção constituídas por militares nativos oriundos das zonas onde, após a instrução, iriam actuar. Só começaram a existir em 1970 e eram muito reduzidos, daí o facto de muita gente desconhecer a sua existência. Para dar um exemplo, na província do Niassa, que é a maior de Moçambique, penso que não existiam mais de três Grupos Especiais; o que, para a quantidade de quartelamentos existentes na província, era uma gota de água. Daí a razão de muita gente, se calhar a maioria dos portugueses, nunca ter ouvido falar dos GEs.

Álvaro, insiste Mariana, sempre à procura da brecha. Sabe o que é que me faz impressão? As vezes, raramente, encontro pessoas que ouviram falar dos GEs. E imagina qual é a reacção delas? E logo, "Eh pá, não te metas com esses gajos, são todos doidos." Consegue explicar-me porquê?

Olhe, Mariana, responde-lhe o homem tranquilo de Ovar. Ele há a fama e depois há o proveito, não é? O enquadramento destes militares, que eram instruídos no Dondo, a cerca de trinta quilómetros da Beira, era feito, como já disse, por militares das nossas tropas, em regime de voluntariado. Para o efeito eram escolhidos, na maioria dos casos, treinadores provenientes das tropas especiais. Os treinos eram extremos porque assim tinha de ser, tendo em conta as missões que íamos executar a seguir. Por isso é que éramos considerados "malucos", o que não era o caso, evidentemente.

E o Álvaro, pergunta Mariana, como foi que se juntou aos GEs?

Em 1973, existiam pouco mais de vinte e poucos GEs, responde Álvaro no dia seguinte, já totalmente regressado à sua prosa parca. Foi então que o general Kaúlza de Arriaga resolveu constituir mais cerca de sessenta Grupos; e, como não havia voluntários, foram recrutados os membros necessários para os enquadrarem. Foi aí que eu entrei. Nunca fui voluntário para coisa nenhuma. Mas, como era o graduado mais novo da companhia, calhou-me essa sorte. E eu, que quase nem sabia ler nem escrever, e estava lá no meu cantinho, Olivença, no extremo norte da província do Niassa, onde nada se passava, de repente fui recambiado para o Dondo, a fim de formar um

*Grupo Especial. E olhe que Olivença era mesmo uma pasma-
ceira. Os únicos tiros que lá se ouviam eram os que nós dávamos
às garrafas de cerveja. Na minha companhia não houve um único
voluntário para a mobilização, porque isto não era entendido
como uma promoção, mas só uma mudança de ramo nas Forças
Armadas. Nas histórias da marujada eles, quando se perdem,
comem sempre o mais novo, ou então deitam-no ao mar, não é!
Pronto, neste caso específico, o mais novo foi mandado para o
Dondo. Esta mobilização foi-me comunicada pelo meu
comandante de companhia, o capitão Patrício Costa, que só me
disse para preparar todas as minhas coisas, porque no dia
seguinte iria para os GEs. Não era um convite. Era uma ordem.
E eu não podia contrariar esta ordem, porque a comunicação já
tinha chegado ao Estado-Maior. Nem me despedi, por falta de
tempo, da maioria dos meus camaradas. No dia seguinte, de
manhã, lá estava eu a embarcar no Cessna do Subtil com destino
a Lichinga (ex-Vila Cabral), e daí para a Beira. Apresentei-me
no Dondo, e lá comecei uma nova vida.*

*No CIGE (Centro de Instrução de Grupos Especiais) era
dada uma instrução muito parecida com as dos comandos, e os
próprios graduados eram obrigados a segui-la. Não havia
qualquer hipótese de desistência, embora eu nessa altura tivesse
passado por muitos sacrifícios. Mas sabe, acho que me aguentei
bem pelo sentimento de estar longe das balas da guerra, embora
tivesse a certeza de que iria voltar para lá.*

Mariana não resiste.

*Com todas essas dificuldades, e sem ter sido voluntário, o
Álvaro nunca pensou em fugir?*

Álvaro Teixeira de Oliveira, GE de Ovar, Portugal, formaliza-se imediatamente. Telefona. E quase que cospe as palavras.

Olhe, Mariana, com toda a franqueza: só quem nunca conheceu bem a realidade da vida portuguesa é que pode fazer uma pergunta dessas. Talvez vocês, os intelectuais de Lisboa, vissem as coisas de outra forma. Mas nós éramos o povo. O povo inculto e ignorante gerado pelo regime, que só tinha como referência o que aprendia na escola. Ovar era uma vila minúscula, literalmente no fim do mundo. Os nossos professores, os nossos livros, os jornais, a rádio, a televisão quando apareceu — tudo nos falava de um país grandioso que ia do Minho a Timor. E nós acreditávamos nisso, porque nunca éramos expostos a qualquer contra-argumento. Quando chegou a minha hora de ser chamado para ir para Africa, a noção de lutar pela Pátria, para mim, era indiscutível. E era igualmente indiscutível para todos os que me rodeavam, compreende? Um homem podia ter medo, podia enjoar no barco, podia ter que deixar mulher e filhos, podia ser obrigado a abandonar brutalmente o colo da sua mãe — tudo isso era normal, mas nada disso era razão para não cumprirmos o nosso dever de mancebos. Estávamos formatados assim. Todos nós, e todas as nossas famílias. As mulheres soluçavam discretamente, as namoradas desfaziam-se em pranto, as grávidas agarravam-se todas à barriga, os homens ficavam soturnos e silenciosos, as crianças sentiam toda esta tensão no ambiente e desatavam a fazer birras, mas tudo isto era apenas o ritual de comportamentos que integrava o dado adquirido da nossa partida para

o Ultramar. E lá íamos nós. Digo-lhe até mais uma coisa. Enquanto estive em Moçambique, vim cá de férias uma única vez. Não fiz nada de extravagante, fui para Ovar atestar as medidas com o carinho da família. Com todo o dinheiro que tinha ajudei os meus velhos a consertar o telhado da casa, e ainda chegava para boas almoçadas, bons copos, boa vida, uma vida assim mesmo tranquila e feliz, longe daquele inferno que, visto à distância, me parecia a coisa mais surreal do mundo. Mas julga que alguma vez me passou pela cabeça desertar? Então e os meus camaradas que estavam lá a malhar com os costados? E o outro que havia de ir para o meu lugar se eu não voltasse? Porventura era eu mais do que eles? Alguma coisa me dava o direito de não cumprir com o dever que eles cumpriam? Não, Mariana. Não. Nem pensar. Para as pessoas como nós, o combate pela Pátria era para levar até ao fim. E mais não digo. Espero, sinceramente, que me tenha compreendido.

Compreendi muito bem, Álvaro, responde Mariana, vagamente impressionada, sem saber assim muito bem porquê. Peço-lhe desculpa se de alguma forma o ofendi. Por favor, quando tiver disponibilidade, continue a contar a sua história no ponto em que eu a interrompi.

Álvaro Teixeira não se faz rogado.

Depois de formado o Grupo fui colocado numa localidade, junto da estrada de Chimoio (ex-Vila Pery) para Tete, a sensivelmente trinta quilómetros a norte de Vila Gouveia, onde tinha a missão de atacar a guerrilha e proteger as cargas críticas para a barragem de Cabora Bassa. Quando fomos para o mato, houve uma reorganização total devido ao facto de alguns

militares já terem namoradas no aldeamento; e os que não tinham, tinham as tendas de campanha. Todos eles eram livres para constituir família e viverem fora do quartelamento, mas tinham de obedecer às regras rígidas que lhes eram impostas pela disciplina militar.

As nossas missões não eram missões fáceis, dado que existe uma serra entre Moçambique e a fronteira da Rodésia, por onde havia uma grande infiltração de guerrilheiros da Frelimo que pretendiam atingir o corredor de Manica, e ainda uma zona de protecção dos guerrilheiros da ZANU do Robert Mu-gabe. Nesta confusão de guerrilha, cheguei a uma altura que não sabia contra quem combatia. Era tudo muito complicado. E, ainda por cima, os chineses apareciam em toda a parte e eram mesmo todos iguais. A Mariana não sabe? A Frelimo, por exemplo, estava pejada de chinocas. Grandes guerrilheiros, é preciso que se diga. E mais que as mães. Uma vez abati um. Quando conseguimos identificá-lo, não era nada chinês. Era da Coreia do Norte. Veja-me bem até onde é que isto foi.

Mariana recorda o blogue, recorda as fotos do jovem militar, recorda os relatos pormenorizados das missões, recorda a linguagem e a simbologia, e tenta entender.

Álvaro, escreve ela. A mim parece-me evidente que o Álvaro tem um grande orgulho em ter sido GE. Quer falar-me nisso?

Era o que a psicóloga menos esperava, mas Álvaro demorou quinze dias a responder-lhe. Mariana chegou a telefonar--lhe, a perguntar se estava tudo bem, e ele foi, como sempre, extremamente simpático — mas insistiu que a questão do

orgulho era muito delicada, e que precisava de tempo para pensar. Quando, finalmente, deu sinais de vida, não podia ter sido mais lacónico.

Quanto à questão que me colocou sobre o meu orgulho em ter servido o nosso Exército, tenho a dizer que não sinto orgulho nenhum nisso, a não ser no facto de ter recebido 63 negros, em que a maioria não falava português, falavam o seu dialecto ou o inglês, e conseguir, em cinco meses, que falassem o português: esse feito, para mim, constituiu um grande motivo de orgulho. Sabe, no meu Grupo havia cerca de meia dúzia de instruendos que tinham estado em missões católicas e que falavam bem a língua portuguesa; e foi através deles que consegui fazer-me compreender. No fim da instrução tinha toda a gente a entender o português, e a maioria a falá-lo fluentemente.

Outro motivo de orgulho era, no fim de cada mês, pagar-lhes o vencimento, o que, como deve calcular, era um dia de festa. Estes militares tinham um vencimento idêntico às tropas do exército normal português, o que para um negro representava muito dinheiro. A sua felicidade era terem um rádio, uns óculos de sol e uma arma. Ora, tudo isso lhes era proporcionado com o dinheiro que ganhavam. Portanto, quando chegava o dia do pagamento, eu via neles verdadeira felicidade, porque conseguiam comprar aquilo que ambicionavam. Claro, certas situações eram problemáticas. Havia alguns que se excediam com aquelas bebidas alcoólicas que só eles sabiam fazer, mas nunca castiguei nenhum nesse dia. Eles que se desforrassem, coitados. A nossa vida era tão dura. No dia seguinte, no

entanto, costumava massacrá-los com exercícios físicos até à exaustão. Desta forma fui combatendo o abuso daquelas bebedeiras destemperadas, porque, como deve calcular, não podiam coexistir com o clima da guerra. Não éramos, propriamente, um bando de mercenários. Ou eu, pelo menos, nunca deixei que fôssemos.

Mas digo-lhe, Mariana, com toda a franqueza: o meu maior orgulho foi passar aquela guerra sem sofrer qualquer baixa entre os meus homens.

Mariana conhece o blogue bem demais. Talvez seja verdade que Álvaro, que ao contrário dos outros não foi voluntário, ao contrário dos outros talvez não tenha mesmo orgulho em ter sido GE. Mas é visível, por todo o material das suas postagens, que continua extremamente ligado a Moçambique e que segue de perto os acontecimentos mais ocultos do país onde combateu. Porquê?

O homem de Ovar responde sem uma hesitação.

Olá Mariana. Quanto à sua última questão, quero dizer-lhe que adoro aquele país e tenho uma imensa pena que seja tão mal governado, porque, apesar de tudo, é um país rico, não só em belezas naturais, que conheci muito bem, como na sua expressão agrícola e florestal, mal explorada e vítima da roubalheira. Sou antifrelimista convicto, por isso, defendo uma nova forma política para aquele Moçambique tão belo e de uma gente tão extraordinária.